

---

## DIDATIZAÇÃO DO “E-MAIL” EM UM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA APROVADO PELO PNLD-2012/2013/2014

Antonio Artur Silva Cantuário (UESPI)  
*antonioartursilvacantuario@hotmail.com*

**Resumo:** Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) orientam que o ensino de língua materna deve focar os diversos gêneros discursivos, concebendo a linguagem como uma forma de interação social. Busca-se verificar em um livro didático de língua portuguesa (ensino médio) o gênero **E-mail**, bem como verificar as concepções teóricas de gêneros discursivos subjacentes ao material didático. A pesquisa apoia-se, teoricamente, nas concepções de Mikhail Bakhtin (2011) sobre gêneros e ainda nos estudos de Marcuschi (2008) e outros autores sobre os gêneros discursivos do ambiente digital. Os dados foram coletados a partir de itens de identificação de elementos (composição, tema e estilo) relativos ao **E-mail** na obra didática **Português: linguagens**, a partir de um formulário desenvolvido pela autoria desta pesquisa. Observou-se que o livro analisado destina uma unidade ao gênero em estudo, mostrando-se também em conformidade com as metodologias e acepções teóricas que se esperam para o trabalho com essa modalidade de texto, embora algumas ações didáticas ainda estejam ligadas apenas ao contexto escrito. O material didático analisado apresenta subsídios teóricos ancorados nas postulações bakhtinianas e nos estudos de Marcuschi (2008) sobre o ensino de gêneros discursivos.

**Palavras-chave:** E-mail. Gênero discursivo. Livro didático.

### 1 Introdução

As novas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC) proporcionaram uma grande diversidade das atividades humanas no universo virtual (internet), com uma série de mudanças nas formas de estar no mundo, sobretudo nas formas de estar junto.

As práticas de leitura e escrita, atividades alinhadas ao reconhecimento e apropriação de um gênero discursivo, promovem, frente a esse novo panorama, um novo jeito de ler e escrever, tendo em vista a diversidade semiótica que a tecnologia proporciona.

Diante disso, com o avanço digital, muitos gêneros têm deixado o meio essencialmente escrito e adentrado ao ambiente virtual. Em meio a tantas ferramentas e recursos virtuais, essa nova emolduração tem alterado, em boa parte, a essência dos gêneros, fazendo com que alguns gêneros deixem o seu meio natural e passem a compor novas formas de discurso. A era dos computadores propiciou também o surgimento de gêneros mais recentes, que ganharam um nome bem peculiar, discursos eletrônicos (gêneros digitais).

Nesse novo contexto, a escola, como agência formadora, não pode desconsiderar as modificações que o mundo digital promove quanto ao uso da escrita, pois se tem uma nova mídia, ou um conjunto delas, com todas as consequências que, necessariamente, se processam quando se lê ou escreve em um novo e poderoso suporte, que comporta tantas semioses.

As mudanças que essa realidade impõe à escola envolvem não só um currículo que inclua as novas rotinas comunicativas do universo digital, em seus diferentes gêneros - blog, e-mail, sites, chats, listas - mas, sobretudo, professores preparados para atuarem diante de um corpo de alunos que, em sua grande maioria, já navegam na internet, o mais das vezes com uma desenvoltura bem maior que a dos próprios professores.

Esta pesquisa se situa nesse panorama de discussão sobre o modo de educar para e no mundo digital, focalizando os materiais didáticos com que a escola efetiva grande parte de suas práticas – os livros didáticos, mais especificamente os destinados ao Ensino Médio. Ou seja, busca-se com este trabalho responder à seguinte pergunta: Como o “E-mail” é didatizado e que orientações teóricas de gênero estão subjacentes a esse processo, ou seja, de que modo o estudo desse gênero é inserido na sala de aula via livro didático?

Afim de guiar esse estudo, com base na problematização proposta, objetiva-se verificar em um livro didático de língua portuguesa (Ensino Médio) aprovado pelo PNLD de que modo o gênero “E-mail” é didatizado, bem como as concepções teóricas de gêneros discursivos subjacentes ao material didático aprovado pelo PNLD.

Desse modo, as contribuições de Bakhtin (2011) sobre gêneros do discurso serão úteis para atingir esse objetivo, bem como os estudos de Marcuschi (2008) sobre os gêneros discursivos do ambiente digital. Araújo (2010), Marcuschi e Xavier (2010), Paiva (2010), dentre outros autores, promovem também um reflexo contundente em torno da presente temática.

Nesse sentido, diante do panorama de discussão dos modelos de ensino de língua materna e da proposta que vem se consolidando no Brasil, de tomar o texto em seus diversos gêneros como objeto de ensino e aprendizagem, é importante ampliar e aprofundar conhecimentos, discutir e avaliar como essas diretrizes se efetivam nos livros didáticos no que diz respeito aos gêneros da esfera digital, já que à escola cabe formar pessoas capazes de exercer sua cidadania num mundo cada vez mais interativo pelas infovias da comunicação.

No âmbito docente, esta pesquisa poderá, nesse sentido, oferecer subsídios também para uma visão mais abalizada e crítica acerca dos livros didáticos que apresentam propostas nesse sentido, contribuindo para uma forma crítica de usá-los em sala de aula.

## 2 Os Gêneros do Discurso

Os gêneros discursivos foram, durante muito tempo, estudados sob a perspectiva literária, focando-se a análise sob dois aspectos: o artístico e o literário. Essa abordagem não traz em seu escopo a análise dos enunciados sob a perspectiva de considerar a especificidade dos enunciados, bem como o caráter verbal que aproxima esses gêneros.

Nesse sentido, por considerar adequado o estudo dos gêneros discursivos na dimensão sociodiscursiva, Bakhtin (2011), indo além do campo da literatura, define gêneros discursivos como formas relativamente estáveis de enunciados específicos elaboradas em diferentes esferas da comunicação humana, que surgem em situações concretas de uso da língua, bem como se materializam pelas necessidades comunicativas dos falantes.

Bakhtin (2011) pressupõe as diversas esferas de comunicação social e os variados enunciados que, embora individuais, se constituem na coletividade, assim os gêneros discursivos se estabilizam parcialmente em algum momento e em algum espaço a fim de dar aos falantes condições de comunicação que permitam a utilização da linguagem de forma adequada e em sentido de compartilhamento entre os mesmos.

Marcuschi (2008), em diálogo com Bakhtin (2011) entende que o gênero do discurso tendência à concretização das articulações linguísticas no discurso escrito/ falado, pois são instituições relativamente estáveis que perpetuam e formalizam, em parte, as necessidades comunicativas, bem como estabelecem relações de poder no âmbito social. Assim, Marcuschi (2008) entende que todo ato comunicativo se materializa em algum tipo de gênero.

E, em se tratando do aspecto formal dos gêneros discursivos, Bakhtin (2011) considera que, se para estabilizar, relativamente, um gênero do discurso é necessário que este mantenha: conteúdo temático, estilo e construção composicional; que são indissociáveis e que perpassam pelo mesmo campo de comunicação. O tema seria não apenas o que se quer dizer, mas um conjunto complexo de ideias que pretende o falante no ato discursivo; o estilo é de fato o uso dos recursos da língua – léxico, construções sintáticas e morfológicas, recursos

fraseológicos; e a construção composicional elucida os componentes estruturais que formalizam os enunciados.

Bakhtin (2011) categoriza os gêneros em primários e secundários. Gêneros primários são mais simples (textos do cotidiano, de pouco refinamento estilístico), e os secundários são de vertentes mais formais (romances, dramas, relatórios, conferências, etc.) e que reelaboram gêneros primários e outros gêneros secundários, como constatou Araújo (2010).

Logo, entende-se que a complexificação dos gêneros discursivos se dá na medida em que a sociedade e suas necessidades também se complexificam.

Bakhtin (2011) esclarece que os gêneros do discurso são dominados/reconhecíveis pelos falantes em face da esfera da comunicação humana em que estão inseridos, como a esfera jornalística, cotidiano, religiosa, etc. Isso corrobora para um reconhecimento mais evidente dos discursos na sociedade e, por conseguinte, seu caráter responsivo, como está prefigurado também na teoria de Bakhtin (2011).

Nesse aspecto é necessária uma observação: tendo em vista que este estudo analisará os gêneros discursivos inseridos no espaço digital e que são transpostos para o livro didático como “objetos de ensino-aprendizagem” (DOLZ; SCHNEUWLY, 1999, p. 72), entende-se a web espaço digital, no sentido de que afirma Araújo (2010, p.118), como sendo “um espaço plural no qual não apenas muitos gêneros são atualizados, mas diversas esferas da comunicação também” e, por isso, não será adotado neste estudo o termo “esfera digital” para se referir ao espaço em que são gerados discursos em blogs, e-mails, por exemplo.

Esse posicionamento se justifica pelo fato de que, ao entender a esfera da comunicação humana como uma agência formadora de novos discursos específicos de uma comunidade, e por perceber no espaço digital, como afirma Araújo (2010), uma complexa constelação de discursos de outras esferas (no blog, por exemplo, há um predomínio de discursos prototípicos da esfera do cotidiano) é que se considera o termo “esfera digital” incoerente com o apoio teórico deste estudo, centrado em Bakhtin (2011), pois “a web é bem mais complexa do que se supõe, já que ela não é uma esfera complexa da comunicação humana.” (ARAÚJO, 2010, p.117).

E, ao tratar da web, vista neste trabalho como uma rede híbrida que comporta muitas semioses além da língua e não como uma esfera digital, é de fundamental importância alguns esclarecimentos sobre o suporte de gêneros, visto que o propósito é verificar, neste trabalho,

a constituição didática de gêneros discursivos que circulam na web como instrumentos de ensino em livros didáticos.

Nesse aspecto, Marcuschi (2008) considera que determinados gêneros do discurso, para se manifestarem social e historicamente, necessitam de suportes que permitam a veiculação e identificação no espaço em que os inserem. Podemos inferir que os suportes podem ter seu espaço em ambiente físico e virtual, e é neste espaço que ocorre a materialização dos discursos escritos/ falados. Esses suportes podem variar de acordo com sua recorrência social: os convencionais (folhas, jornais, livros, revista, rádio, televisão), e os incidentais (embalagem, roupas, corpo humano, muros, fachadas, calçadas).

Ou seja, com base nisso, pode-se considerar, com base no suporte que os contempla, que os gêneros discursivos constantes na tela do computador

Ao relacionar dentro de uma estrutura hipertextual unidades de informação de natureza diversa (texto verbal, **som**, **imagem**), gera uma nova realidade comunicativa que ultrapassa as possibilidades interpretativas dos gêneros multimodais tradicionais. [...] faz parte de nossa experiência como leitor integrar de forma significativa textos verbais e visuais, assim como orientar nossa leitura por uma série de recursos visuais, utilizados de forma funcional no processo de disponibilização da informação nos textos impressos [...]. (BRAGA, 2010, p.180).

A citação acima reverbera alguns aspectos que podem diferenciar o texto impresso de um texto que circula na web como: imagem, som, clicagem e o próprio modo de encaminhar a leitura via hipertexto. Essas semioses constituem-se nesse sentido fundamentais estratégias estilístico-composicionais dos gêneros próprios do suporte virtual.

Marcuschi (2010) corrobora a ideia de Braga (2010) sobre as semioses que circundam os gêneros hipertextuais. O autor indica três aspectos que constituem diferenças entre a linguagem da internet e as demais formas de se comunicar: uma escrita diferenciada que faz surgir neologismos, abreviação e siglas, um maior número de semioses e a reelaboração de gêneros discursivos com maior intensidade.

### *2.1 O gênero e-mail*

O e-mail é um dos gêneros discursivos do espaço digital que permeia grande parte das atividades acadêmicas e institucionais. Existem várias plataformas com formatos diferentes

de página (do e-mail), mas com ferramentas semelhantes: "Hotmail.com", "gmail.com", por exemplo, são os mais utilizados, atualmente.

Segundo Marcuschi e Xavier (2010), antes de chegar ao estatuto de gênero, o e-mail funcionava como um serviço eletrônico em 1972 nos Estados Unidos, sendo hoje um dos gêneros discursivos mais praticados na escrita, já que segundo Freenberg (2009, p.167), embora se tenha mudado de suporte (agora o cristal líquido das telas dos computadores), mais do que nunca, escreve-se em *e-mails*, em *blogs*, em *chats* e outros gêneros dos espaços digitais, ou seja, "o mundo *on-line* é essencialmente um mundo escrito."

Define-se da seguinte forma esse gênero: "[...] geralmente produzido pela mesma pessoa que a transmite e o receptor é, quase sempre, o destinatário da mensagem. O envio e a entrega das mensagens são mediados por um ou mais provedores de internet. (PAIVA, 2010, p.85)".

Além dessa definição, outras características circundam o e-mail como: velocidade na transmissão, assincronia (nem sempre há uma interação instantânea, por vezes, o destinatário demora a responder ao e-mail enviado, gerando uma quebra de expectativa e certa ansiedade por parte do destinatário), a mesma mensagem pode ser enviada para vários destinatários, o interlocutor é facilmente identificado e pode-se anexar arquivos.

## 2.2 Livro didático e o Programa Nacional do Livro Didático-PNLD: considerações pedagógicas

O livro didático, na contemporaneidade, ainda é o instrumento de apoio mais frequente nas escolas brasileiras, sobretudo, pelas mudanças que vêm sofrendo ao longo do tempo. Isso fica evidente, por exemplo, quando se compara a produção de livros didáticos anterior ao ano 2000 e a produção de livro didático a partir de 2002.

Batista e Rojo (2008) enfatizam que houve um avanço dos materiais didáticos, seja pelo seu aspecto gráfico, seja pela introdução de conteúdo que antes a escola imaginava não ser de sua competência ensinar. No campo da pesquisa científica, as autoras dizem que houve um crescente aumento de produções que visam estudar os livros didáticos, embora se observe uma queda desde o ano de 2002.

Diante dessa evidência, as autoras consideram que essa tentativa de melhorar os materiais didáticos e de propor instrumentos de ensino que veiculem conhecimentos pertinentes ao contexto da escola se dá, em grande parte, pelo esforço do Programa Nacional

do Livro Didático-PNL D, que é desenvolvido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação-FNDE e pela Secretaria da Educação Fundamental- SEF.

Criado em 1985, o PNL D sofre algumas mudanças no ano de 1996 com o apoio das Leis de Diretrizes e Bases-LDB. Dentre algumas normatizações sobre esse programa pode-se mencionar alguns aspectos que dizem respeito a ela: sua função em avaliar, propor a aquisição e a distribuição gratuita de livros didáticos nas escolas públicas brasileiras.

O PNL D emite (avalia) resenhas trienais sobre os livros didáticos (fundamental e médio) propostos à avaliação, promovendo materiais didáticos que podem circular na sala de aula, por conterem, segundo a visão dos avaliadores, conteúdos e métodos pertinentes. Os livros recomendados devem circular nas escolas brasileiras no prazo de três anos consecutivos.

Assim, é adequado destacar a grande contribuição do PNL D para o avanço dos livros didáticos, pois

Os livros didáticos passaram a ser um objeto de especial atenção, dotado de mecanismos específicos para controle de sua produção, escolha uso, para controle, portanto, daquilo que se ensina e do modo pelo qual se ensina, a partir do momento e que o Estado, progressivamente, ao longo do século XIX, se ocupa da instrução, construindo seus sistemas de ensino. (BATISTA; ROJO, 2008, p.53-54).

Ou seja, o livro didático passa a ser o centro da escola, e isso pressupõe a importância que parecer ter para essas instâncias o material didático que será veiculado. Costa Val e Castanheira (2008, p.149) dizem que o PNL D mostra-se um importante programa de avaliação ao constatarem em pesquisas científicas que “vem melhorando a qualidade dos livros que se submetem ao processo de seleção e classificação instituído pelo MEC”.

No tocante aos conteúdos que vêm sendo inseridos nas aulas de língua portuguesa, como os gêneros discursivos do espaço digital, Bunzen e Rojo (2008, p.78) adiantam que os livros didáticos vêm inserindo conteúdos que fazem parte da realidade da clientela escolar, reconfigurando e reposicionando as aulas de língua portuguesa para uma realidade prática, “constitui-se um ensino mais preocupado com a realidade prática, que enfatiza, sobretudo, gêneros que circulam na comunicação de massa e nas mídias.”.

Isso mostra que os materiais didáticos têm contemplado esferas comunicativas que fazem emergir gêneros diversos e peculiares. A internet enquanto suporte e espaço de muitas semioses consta, hoje, como conteúdo para o trabalho com os textos que circulam nesse

espaço e isso emoldura um passo mais ousado, quando pensamos o estudo da linguagem em situações concretas de uso.

Nessa lógica, Bunzen e Rojo (2008) diagnosticam, quando mencionam os termos “comunicação de massa” e “mídias”, que os livros didáticos hoje estão focando seus olhares também nos textos que estão emergindo no universo digital. Comprova-se, assim, que os instrumentos de ensino estão adequando seus sumários ao espaço real e dinâmico, caminhando de maneira síncrona com as mudanças e com os novos jeitos de consumir e veicular os textos na era da comunicação digital.

Costa Val e Castanheira (2008, p.148) afirmam que vêm se consolidando no cenário de produção dos livros didáticos alguns aspectos que estão se tornando tendência no aprimoramento das obras: “incremento na qualificação, em relação ao perfil apurado em avaliações anteriores; uniformização organizacional; qualidade gráfico-editorial; zelo quanto à contribuição do livro para a formação cidadã do aluno.”.

Os itens acima demonstram que as editoras de livros didáticos estão cada vez mais inteiradas com as questões que aproximam a escola do convívio social extraescolar, bem como se esforçam para produzir materiais de qualidade e que veiculem saberes que estabeleça um laço mais fortalecido entre teoria e prática, considerando que o livro deve ser autêntico e dialógico.

Essa nova forma de abordar e inserir conteúdos via livro didático nas aulas de língua portuguesa corrobora o que dizem os Parâmetros curriculares Nacionais de Língua Portuguesa-PNC, os quais orientam que o estudo da língua materna deve ter como eixo de partida a diversidade de textos que se materializam nos diversos gêneros das esferas da comunicação humana. (BRASIL, 2002). Isso viabiliza um estudo com direcionamento e com propósitos pedagógico e social, pois dominar um gênero discursivo é saber usá-lo com um intuito, sociodiscursivamente, orientado.

Essa orientação sugere um estudo dialógico e demarcado pela fronteira do linguístico e do social. Nesse sentido, o tratamento dado aos gêneros discursivos nos PCN prevê uma atividade de ensino da língua portuguesa centrada no como fazer (reflexivo) e não nos esquemas de decodificação e memorização e verifica-se, portanto, que os livros didáticos estão caminhando por esse mesmo trajeto.

### **3 Procedimentos Metodológicos**

Esse estudo se trata de uma pesquisa descritiva quanto ao objetivo e com relação à fonte de coleta de dados é um estudo bibliográfico. Em relação ao objeto de estudo, a pesquisa é qualitativa, uma vez que o intuito é apenas verificar e descrevê-lo.

Foi analisado um livro didático de língua portuguesa (ensino médio) aprovado pelo PNLD- 2012/2013/2014. A escolha do PNLD- EM (ensino médio) como fonte de referência para a escolha das obras deu-se em função da abrangência desse programa nas escolas públicas brasileiras, respaldando as escolhas dos livros com os quais professores e alunos efetivam grande parte das práticas relativas ao ensino da leitura e da escrita.

Foi utilizado um formulário de identificação do referido gênero no processo de coleta dos dados, focando a descrição, concepções teóricas, e classificação, criado pelo autor deste trabalho. Esse instrumento foi orientado a partir de leituras da teoria de gênero de Bakhtin (2011) e nas concepções pedagógicas sobre o trabalho com os gêneros discursivos com base em Marcuschi (2008).

#### **4 Às Análises**

*4.1 Obra: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: linguagens. São Paulo: Atual, 2013.*

#### **GÊNERO E-MAIL**

O capítulo 10 do livro de Cereja e Magalhães contém a seção denominada “Hipertexto e gêneros digitais: o e-mail e o comentário”- produção de textos. A priori, é importante ressaltar que dos vinte e um gêneros textuais trabalhados na obra, apenas dois são da esfera digital (e-mail e o comentário *on-line*), presentes em uma única unidade que tem oito páginas.

Além disso, foram contabilizadas apenas sete questões de compreensão e leitura, sendo que cinco são direcionadas ao trabalho mais específico (leitura e interpretação) com os gêneros e-mail e comentário e as demais questões são direcionadas à produção dos mesmos e à pesquisa.

O capítulo inicia-se com um breve histórico sobre a internet, bem como apresenta, de forma contextualizada, algumas características do ambiente virtual: as economias linguísticas do internetês e o hipertexto, que permitem o processamento múltiplo de

informações, simultaneamente; as páginas de vídeos (*youtube*) e fóruns de discussão virtual. Ao explanar tais elementos, o texto enfatiza os gêneros digitais que circulam na internet: o *e-mail* e o comentário.

Nas páginas subsequentes, trabalha-se, a princípio, o *e-mail* o qual o livro traz uma imagem (figura 1) que remonta a sua estrutura, e é a partir dela que se inicia uma série de questões relativas ao estudo do referido gênero.

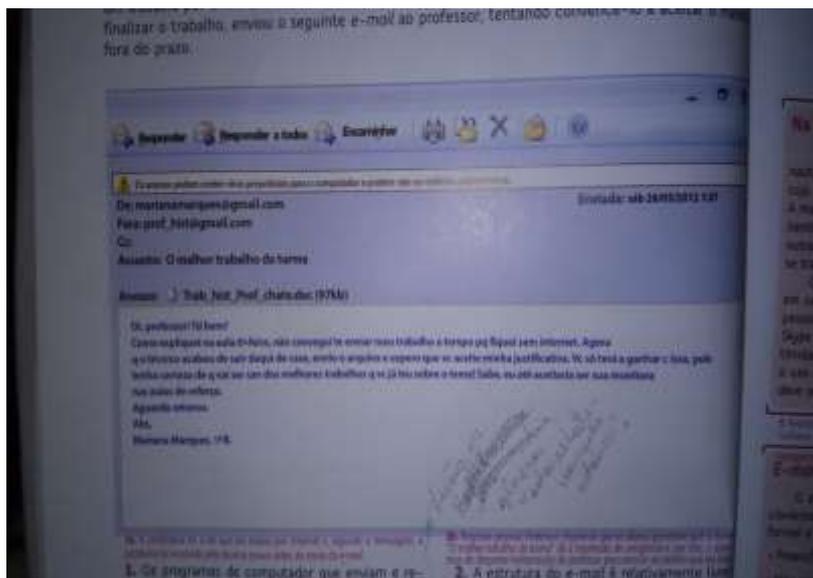


Figura 1: Seção Trabalhando o gênero e-mail.

Fonte: Cereja e Magalhães (2013, p. 118)

A imagem (figura 1) permite visualizar alguns elementos comuns na tela do computador ao abrirmos o e-mail. No entanto, algumas dessas ferramentas só podem ser melhor trabalhadas a partir do monitor, ou seja, de fato, só se pode demonstrar sua função para a composição do gênero pelo auxílio do computador. O ícone “assunto” é um importante guia para o processamento do diálogo, no sentido de que “é um elemento crítico na tomada de decisão sobre prioridade de leitura ou até de descarte do texto” (PAIVA, 2010, p.103).

Nesse sentido, Paiva (2010) designa essa característica do e-mail como sendo um filtro que seleciona o que é necessário para suas finalidades comunicativas e ainda, que dá prosseguimento ou não a um determinado diálogo. E sobre o diálogo, é adequado, de acordo com Paiva (2010, p.106, grifos meus) ressaltar que “o processo de leitura das mensagens não é obrigatoriamente linear, pois o leitor lê-las por hierarquia cronológica, ordem alfabética ou por *assuntos*”.

Deste modo, a explanação do gênero (*e-mail*) se apresenta claramente nas atividades quanto a sua composição relativamente estável: título, remetente, destinatário, assunto, desfecho.

Seguem as atividades propostas para o trabalho com o referido gênero:

1) Os programas de computador que enviam e recebem *e-mails* registram importantes dados referentes às mensagens recebidas e enviadas, tais como endereço de e-mail de remetente e destinatário, títulos de arquivos anexos, assunto, data, hora, etc. Em relação ao e-mail em estudo, responda:

- Que justificativa a aluna deu para não ter enviado o trabalho por *e-mail* e, seguindo a mensagem, quando o problema foi resolvido?
- Qual o dia e o horário em que a mensagem foi enviada?
- Suponha que o professor não aceitou a justificativa da aluna. Tendo em vista os dados da mensagem que aparecem na tela do computador, dê uma possível razão para essa decisão do professor?

2) A estrutura do *e-mail* é relativamente livre. Geralmente, há um vocativo, um cumprimento, o desenvolvimento do assunto e a despedida e assinaturas. Apesar da liberdade quanto à estrutura, porém, é importante que não se perca de vista a situação de comunicação.

- No e-mail que enviou ao professor, como Mariana nomeou o assunto?
- Levante hipóteses: essa escolha da aluna foi adequada? Justifique sua resposta.

3) Além de não aceitar a justificativa do atraso na entrega do trabalho, o professor podia se sentir ofendido com o *e-mail* de Mariana e, por isso, não se dispor a convidá-la para ser monitora nas aulas de reforço.

- Entre os itens registrados no e-mail, qual podia fazer com que o professor se sentisse ofendido?
- Releia o trecho do e-mail e discuta: A maneira como Mariana se expressa nesse trecho do e-mail podia influenciar o professor na decisão de aceitá-la como monitora? Justifique sua resposta.

4) Em alguns gêneros digitais, como o e-mail e o bate-papo, a linguagem não segue a norma padrão escrita. Observe a linguagem empregada no e-mail em estudo.

- O que está em desacordo com a norma padrão escrita?
- Levante hipóteses: no *e-mail* lido, a linguagem pode ser considerada inadequada?
- Reúna-se com seus colegas de grupo e, juntos, reescrevam o *e-mail* de Mariana, tornando-o mais adequado ao objetivo que ele tinha em vista ao escrevê-lo. Para isso, considerem: finalidade do *e-mail*, perfil dos interlocutores, assunto, estrutura, linguagem. (CEREJA; COCHAR, 2013, p.123)

Na atividade 1 o enunciado solicita que o aluno perceba, de fato, a importância dos elementos que compõem o e-mail, em seu grau maior ou menor de obrigatoriedade.

Nas atividades, ainda, identificamos uma vinculação à proposta bakhtiniana, na questão 2, que postula uma estabilidade e também certa instabilidade dos gêneros, ressalvadas suas características mais peculiares e, permitindo também que os alunos percebam as flexibilizações que os gêneros apresentam, seja em sua estrutura, seja na sua

composição ou estilística. No primeiro item (atividade 2), percebe-se um apelo à composição do assunto, de modo que o aluno consiga perceber qual importância essa ferramenta tem e como ela pode alterar outras informações do texto.

A atividade 3 se direciona ao modo como Mariana se expressa, de que modo a mesma utilizará recursos para atingir sua finalidade comunicativa, ou seja, que estilo será utilizado para compor o gênero; o sujeito “interlocutor” também é evidente nessa proposta, no sentido de que segundo Bakhtin (2011) os propósitos sociointeracionistas consideram fielmente o “outro” no ato de dizer. Desenvolve práticas que dizem respeito àquilo que o locutor deseja falar, com seus propósitos comunicativos.

Na questão 4 vê-se uma tendência ao trabalho com os elementos estilísticos, ou seja, de que recursos linguísticos o autor usa para se aproximar de seu interlocutor, pois, o interlocutor é peça fundamental para que o locutor possa elaborar discursos que permita a continuidade comunicativa e que, atinjam ao objetivo ideológico desejado. Nesse viés, o estilo, a composição e tema estão condicionados à escolha dos propósitos comunicativos e da presença do interlocutor.

E, na atividade 5, tem-se uma proposta de produção do e-mail, na qual se visualizam com bastante clareza os elementos ( finalidade discursiva, o interlocutor, composição e tema) que Bakhtin (2011) considera para a composição do cenário de um gênero.

É adequado dirigirmos o olhar à parte de questão 5 “adequando-o ao objetivo que ele tinha em vista escrevê-lo”. Verifica-se nisso um forte vínculo à consideração do interlocutor no processo de construção do gênero (considerando a finalidade discursiva de quem fala) e a perspectiva do conceito de gênero, partindo da premissa de que os discursos ora se apresentam estáveis, ora instáveis, pois são condicionados às mudanças no tempo e no mudar dos hábitos e necessidades de um determinado grupo social.

Ressalta-se a importância dada à interação desse gênero, no sentido de que, nos enunciados das questões, os autores sempre estabelecem aquele que envia (remetente) e o interlocutor (destinatário), conferindo a esse gênero sua continuidade discursiva, pois a internet propicia um espaço de construções semióticas múltiplas, que por sinal, estabelecem também a interação emissor-texto-receptor; embora essa continuidade discursiva não necessariamente precise de várias formas de linguagem (semioses linguísticas).

E, tratando-se da perspectiva do *e-mail* enquanto produto dialógico (mesmo estando limitado ao contexto do virtual), algumas ferramentas de manipulação (*emotions*, seleção de

falantes, edição) desse gênero aproximam o diálogo virtual do presencial e esses mecanismos de comunicação são importantes porque “a interação em lista de discussão (e-mail; grifo meu) é uma atividade de linguagem que se constrói localmente (...) exige bastante colaboração e cooperação devido à ausência de elementos típicos do contexto face a face (...).” (PAIVA, 2010, p.104).

No tocante à concepção de língua adotada pelo livro, verifica-se uma proposta que tange ao aspecto sociodiscursivo dos códigos linguísticos; apropriações linguísticas contextualizadas (a exemplo disso, os autores mencionam uma nova língua, “internetês”). Assim, depreende-se que a língua aqui não está baseada nas premissas do formalismo, mas imerge aos preceitos do sociointeracionismo que preconiza uma proposta de língua enquanto sistema não autônomo.

Assim, a concepção de língua no manual didático apresenta uma base social e interativa, proposta por Bakhtin (2011) ao dizer que os discursos são construções sociohistóricas, ou seja, o social e o histórico modificam os dizeres e o modo com são ditos os discursos. Prova disso é que os autores explanam um quadro informando sobre a nova linguagem utilizada na internet, o “internetês” (figura 2) que diz respeito a um novo mecanismo linguístico utilizado, em geral, nas redes sociais, para agilizar as conversas e torná-las mais próximas do diálogo oral - retomada ao estilo e conteúdo composicional do gênero e-mail, assim como outros gêneros da esfera digital - propostos por Bakhtin (2011) para os gêneros textuais.

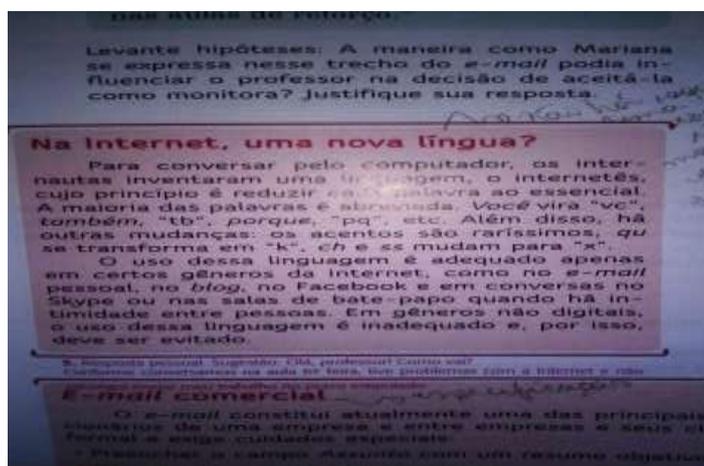


Figura 2: Seção Trabalhando o gênero  
Fonte: Cereja e Magalhães (2013, p. 119)

Quanto à outra proposta de produção textual, os autores do material didático sugerem o seguinte:

Você também pode enviar um e-mail para um veículo de comunicação, manifestando-se sobre um assunto de seu interesse. Para isso, selecione em um jornal ou revista uma reportagem que tenha chamado sua atenção e escreva um e-mail para o jornal ou a revista, comentando o assunto e o modo como ele foi abordado. (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p.120)

Em seguida dão subsídios que auxiliarão o aluno em tal proposta:

- Busque o site oficial do veículo de comunicação selecionado;
  - Tenha em mente o perfil do seu leitor;
  - Procure adequar a linguagem do seu texto ao suporte, ao perfil dos interlocutores e à situação. É importante que o tom da linguagem não seja muito informal, a fim de que sua mensagem dê aos leitores impressão de seriedade e desperte credibilidade;
- Preencha os campos referentes a destinatário, assunto, anexo (se houver), etc. (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p.120)

Percebe-se na atividade de produção textual que todos os aspectos, desde o tema ao conteúdo composicional e o estilo, precisam ser desenvolvidos na produção do e-mail, mostrando-se os autores em consonância com a teoria do círculo bakhtiniano sobre os gêneros do discurso. Essa proposta traz ainda alguns elementos (item 4) obrigatórios do gênero, segundo Paiva (2010): destinatário, assunto, remetente, data.

No que diz respeito às dicas oferecidas pelos autores, verifica-se nelas traços dos estudos de Marcuschi (2008) ao mencionar a importância do suporte para os gêneros e, ainda, a preocupação com a linguagem, de forma que isso não venha a ferir ou excluir os falantes da língua.

Assim, as palavras “suporte” e “perfil” concernem ao que Marcuschi (2008) explana sobre gêneros digitais: o suporte em que determinados gêneros podem aparecer, e o domínio discursivo, ou seja, em determinados discursos ou espaço social alguns gêneros tendem a circular com maior ou menor frequência.

Embora o livro de Cereja e Magalhães contemple uma mínima porção do trabalho com os gêneros digitais - se comparado ao todo do material -, tal recurso didático consegue empreitar a proposta que orientam os PCNs no tocante ao trabalho com gêneros sob as diversas formas de linguagem - de preferência aquelas que façam parte da realidade dos discentes-.

Assim, encontra-se nas orientações do manual didático um trabalho que se vincula aos postulados de Bakhtin (2011) sobre os gêneros do discurso e ainda orientados pela metodologia e contribuições dos estudos de Marcuschi para os gêneros digitais.

## 5 Considerações Finais

O objetivo dessa análise era verificar em um livro didático de língua portuguesa (Ensino Médio) de que modo o gênero "E-mail" é didatizado, bem como as concepções teóricas de gêneros discursivos subjacentes ao material didático.

Nesse sentido, constatou-se que a obra analisada destina um espaço ao estudo do gênero e-mail. Embora seja mínima a quantidade de gêneros discursivos do ambiente digital no material analisado, isso já representa um avanço, haja vista os livros produzidos anteriormente ao ano 2000.

Além disso, há propostas de produção e de análise do gênero na obra de Cereja e Magalhães (2013) no próprio livro e no suporte natural desse gênero, estimulando a prática social em concomitância com a aprendizagem do e-mail; há uma promoção da análise linguística de modo reflexivo.

Todavia, há de se considerar que o livro não funciona sozinho e, por isso, é dever do professor manejar e suprir as deficiências que, por ventura, os livros didáticos possam apresentar.

A proposta de Cereja e Magalhães (2013) avançam para o trabalho com outras semioses que a web proporciona, embora algumas ações didáticas estejam ligadas ao contexto essencialmente escrito. Teórica e metodologicamente seguem um percurso rumo à teoria sociointeracionistas de gênero, sobretudo, nas orientações teóricas de Bakhtin (2010) e nas propostas de trabalho de Marcuschi (2008).

Assim, a partir dessa investigação afirma-se que o referido livro didático, aprovado pelo PNLD, já apresenta um panorama que se encaminha para um ensino de língua que busca mais que definições, isto é, propõe uma forma de refletir sobre a língua numa perspectiva atual e situada socialmente, focando as diversas formas de interagir e suas respectivas esferas de comunicação.

## Referências

ARAÚJO, J. C. R. O. Transmutação de gêneros na *web*: a emergência do *chat*. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BRAGA, D. B. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BATISTA, Antonio Augusto Gomes; ROJO, Roxane. Produzindo livros didáticos em tempo de mudança)1999-2002. In: COSTA VAL, Maria da Graça; MARCUSCHI, Beth. (Org.). **Livros didáticos de língua portuguesa: letramento, inclusão e cidadania**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

BUNZEIN, Clécio; ROJO, Roxane. Livro didático de língua portuguesa como gênero do discurso: autoria e estilo. In: COSTA VAL, Maria da Graça; MARCUSCHI, Beth. (Org.). **Livros didáticos de língua portuguesa: letramento, inclusão e cidadania**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COSTA VAL, Maria da Graça; CASTANHEIRA, Maria Lúcia. Cidadania e ensino em livros didáticos de alfabetização e de língua portuguesa (de 1º a 4º série). In: COSTA VAL, Maria da Graça; MARCUSCHI, Beth. (Org.). **Livros didáticos de língua portuguesa: letramento, inclusão e cidadania**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

FREENBERG, Andrew. A fábrica ou a cidade: qual o modelo de educação a distância via web? In: NEDER, Ricardo T. (org.). **A teoria crítica de Andrew Freenberg**: racionalização democrática, poder e tecnologia. Cadernos Primeira Versão Construção Social da Tecnologia, 2010. (material destinado a fins didáticos).

KENSKI, Vani. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Org). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**, n. 11, p. 27-40, maio/ago. 1999.

XAVIER, Antônio Carlos. **Letramento Digital e Ensino**. Disponível em <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em: 15/05/2010